

Eu peguei e apresentei: uma análise sintática da construção [V1 (E) + V2] no português brasileiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3894>

Victória Cristina Shimada Souza¹

Resumo

Este artigo tem como objeto a construção [V1 (E) + V2] no Português Brasileiro, particularmente quando V1 é o verbo 'pegar', como nos exemplos: a) *Eu peguei (e) saí de fininho*; b) *Ele pegou (e) falou isso p'ra mim ontem*. Trabalhos como Rodrigues (2004, 2006); Almeida e Oliveira (2010); Grilo e Tavares (2013); Daoud (2023) e Carvalho e Santos (2024) propõem descrições relevantes dessa construção. No entanto, há dados da língua que não condizem com o que é descrito pelas autoras. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar e discutir esses dados, retirados principalmente da plataforma X e do Google. Argumentamos que esses novos dados apontam para uma análise em que [V1] é um item gramatical; [V1] não seleciona argumentos; e a construção não exige um sujeito [+agente], [+humano] e [+animado].

Palavras-chave: análise sintática; construções do PB; verbo 'pegar'.

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil; vitoria.shimada@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0001-8590-5401>

***Eu peguei e apresentei*: A Syntactic Analysis of the construction [V1 (E) + V2] in Brazilian Portuguese**

Abstract

The object of this article is the construction [V1 (E) + V2] in Brazilian Portuguese, particularly when V1 is the verb 'pegar', as in the examples: a) *Eu peguei (e) saí de fininho*; b) *Ele pegou (e) falou isso p'ra mim ontem*. Works such as Rodrigues (2004, 2006); Almeida and Oliveira (2010); Grilo and Tavares (2013); Daoud (2023); Carvalho and Santos (2024) offer relevant descriptions of this construction. However, there are data from the language that do not match what is described by the authors. Therefore, the aim of this paper is to present and discuss these data, taken mainly from the X platform and Google. We argue that these new data point to an analysis in which [V1] is a grammatical item; [V1] does not select arguments; and the construction does not require a subject [+agent], [+human], and [+animate].

Keywords: syntactic analysis; BP constructions; verb 'pegar'.

Introdução

Este artigo tem como objeto a construção [V1 (E) + V2] no português brasileiro (PB), especialmente quando V1 é o verbo 'pegar', como nos exemplos abaixo:

1. Eu **peguei (e) saí** de fininho.
2. Ele **pegou (e) falou** isso p'ra mim ontem.
3. Os cara queriam chamar a polícia [...] eu **peguei e corri** [...] ²

Os dados (1), (2) e (3) indicam que o verbo 'pegar'³ dentro dessa construção não possui seu sentido canônico de 'agarrar' ou 'segurar' algo, já que, mesmo na presença de um sujeito agente, não há um participante passível de ser segurado ou agarrado; V1 tem, portanto, seu sentido esvaziado. Quem tem a função de verbo principal, que seleciona argumentos e traz sentido para a sentença, é o V2, verbo lexical. Assim, a construção denota apenas um evento, este expresso por V2: em (1), o evento expresso é 'sair'; em (2) é 'falar'; e em (3) é 'correr'.

² Exemplo retirado da rede social X, antigo Twitter.

³ O verbo *pegar* também aparece sem seu sentido canônico em construções com verbos leves, como "eu *peguei* o ônibus" ou "nesse final de semana, nós *pegamos* uma prainha". Contudo, essas construções não são do tipo [V1 (e) + V2], e por isso não serão analisadas neste trabalho.

Do ponto de vista sintático e semântico, Carvalho e Santos (2024) argumentam que a construção seria uma Construção Verbo Serial (CVS), construções que têm como característica principal a monoclausalidade. Já Almeida e Oliveira (2010), Grilo e Tavares (2013) e Daoud (2023) consideram que a construção é uma perífrase, na qual V1 exerce um papel semelhante ao de um verbo auxiliar da expressão de aspecto. Para além disso, esses trabalhos também discutem se há a necessidade de um sujeito-agente (Almeida; Oliveira, 2010; Grilo; Tavares, 2013; Daoud, 2023; Carvalho; Santos, 2024) e quais são as restrições para predicados na posição de V2 (Daoud, 2023; Carvalho; Santos, 2024).

Ainda que esses estudos procurem discutir aspectos relevantes da construção com 'pegar', há dados no PB que não condizem com as descrições propostas. Assim, o objetivo deste artigo é, a partir desses dados, discutir as descrições e análises da construção [V1 (E) + V2] sugeridas nesses trabalhos e mostrar que essas análises não têm cobertura empírica adequada.

Argumentamos que a construção não pode ser considerada uma perífrase canônica, do tipo hipotática, e que o conceito de perífrase paratática parece estar mais relacionado à construção com 'pegar' no PB, mas essa classificação não é muito comum na literatura. Sobre considerar a construção uma serialização, parte das análises feitas por Carvalho e Santos não condizem com os dados encontrados na língua. Por fim, apontamos que os dados analisados neste trabalho indicam que: a) [V1] não possui argumento externo e nem interno; b) [V1] é um item gramatical, que auxilia na expressão de aspecto do evento denotado por [V2]; e c) a construção não exige um sujeito [+humano], [+animado] e [+agenteivo].

O artigo se divide como segue: a primeira seção apresenta as características da construção [V1 (E) + V2] que constituem um consenso nos estudos mencionados; em seguida, a segunda seção apresenta as descrições propostas por Carvalho e Santos (2024), Almeida e Oliveira (2010), Grilo e Tavares (2013) e Daoud (2023) sobre essa construção. Por sua vez, a terceira seção apresenta e discute os dados que contradizem em alguma medida as análises feitas por essas autoras. A última seção apresenta nossas considerações finais.

Eu peguei e apresentei as descrições

A construção [V1 (E) + V2]

As principais características da construção [V1 (E) + V2] já foram elencadas por Rodrigues (2004, 2006):

a) V1 e V2 compartilham o mesmo sujeito, flexão verbal, número e pessoa.

4. Ele **pegou e falou**.

5. *Ele **pegou e vamos falar**.

b) A negação não tem escopo somente sobre V1.

6. Eu **peguei e não falei** com ele.

7. *Eu **não peguei e falei** com ele.

c) Os constituintes têm uma ordem fixa.

8. Eu **peguei e falei**.

9. *Eu **falei e peguei**.

d) V1 não pode ser resposta de uma interrogação.

10. O que você fez hoje?

Eu **peguei e saí** / Eu **saí** / *Eu **peguei**.

e) V1 e V2 podem estar conectados por 'e' ou podem estar justapostos.

11. Eu **peguei e comprei** lá na farmácia mesmo.

12. Eu **peguei comprei** lá na farmácia mesmo.

A característica elencada em (d) aponta para a monoclausalidade da sentença, dado que V1 não pode ser tratado de forma independente. Consequentemente, a construção com 'pegar' não pode ser lida como uma coordenação canônica. Nas coordenações, V1 e V2 são independentes entre si, por isso, podem expressar eventos distintos, além de poderem ser negados separadamente. Na construção com 'pegar', V1 é dependente de V2, os dois verbos expressam um único evento, este denotado por V2, além de V1 não poder ser negado separadamente, como apresentado no item (b). As sentenças abaixo expõem essa diferença – em (13) temos a coordenação, e em (14) a construção com 'pegar'.

13. Eu peguei a carteira e comprei pão / Eu não peguei a carteira e comprei pão / Eu peguei a carteira.

14. Eu **peguei e comprei** pão / *Eu não peguei e comprei pão / *Eu peguei.

Essa descrição é o ponto de partida das análises encontradas na literatura sobre a construção [V1 (E) + V2] no PB. Ou seja, os trabalhos pesquisados admitem essas

características elencadas acima como necessárias para que a construção ocorra e seja gramatical. Porém, para além disso, as análises que apresentamos abaixo divergem: Carvalho e Santos (2024) defendem que temos uma Construção Verbo Serial, enquanto Almeida e Oliveira (2010); Grilo e Tavares (2013) e Daoud (2023) defendem que temos uma Construção Perifrástica.

[V1 (E) + V2] como Construção Verbo Serial

A análise da construção com ‘pegar’ como CVS é proposta por Carvalho e Santos (2024), que se baseiam em Aikhenvald (2018) para discutir as características dessas construções. Conforme Aikhenvald, os verbos seriais descrevem um único evento, e geralmente são pronunciados como se fossem uma única palavra. Além disso, as CVS tendem a compartilhar sujeitos e objetos e possuem apenas um valor temporal, aspectual, modo e valor modal – ou seja, uma parte não se pode referir ao passado e outra ao presente. Outra característica é a ausência de marcas de coordenação ou subordinação; com relação a essa propriedade, Carvalho e Santos argumentam que isso não impediria que a construção com ‘pegar’ seja considerada como verbo serial, pois, no PB, o ‘e’ entre V1 e V2 é opcional, como em (15). De acordo com Carvalho e Santos (2024, p. 101), “os falantes que aceitam as CFFs⁴ sem a conjunção, também aceitam a versão com a conjunção expressa, mas o inverso não é verdadeiro”.

15. Eu **peguei falei** pra ele ficar mais um pouco.

Carvalho e Santos (2024) também discutem outras características que fariam com que a estrutura [V1 (E) + V2] pudesse ser considerada uma CVS. A primeira delas é a possibilidade de uso em diferentes contextos gramaticais, ou seja, a construção com ‘pegar’ não está limitada a um uso específico, o que a diferenciaria, por exemplo, de expressões idiomáticas. Essa característica, segundo as autoras (p. 113), pode ser observada nos exemplos (16)-(19), em que a CFF: a) ocorre com o morfema que acumula as informações de tempo presente e modo indicativo (16); b) ocorre no futuro perifrástico (17); c) ocorre com morfemas verbais que indicam subjuntivo (18); e d) ocorre com o gerúndio (19).

16. O João **pega e fala**.

17. O João **vai pegar e falar**.

18. Que o João **pegue e fale** a verdade.

19. O João **pegando e falando** a verdade, vamos ficar livres do problema.

4 CFFs é a sigla dada por Rodrigues (2004) para “Construções do tipo foi e fez”, que englobam as construções com “pegar”.

Outra propriedade das CVS discutida por Carvalho e Santos seria o compartilhamento de argumentos, geralmente o argumento sujeito. Para argumentar que a construção com ‘pegar’ apresentaria essa característica, as autoras analisam o exemplo em (20). Nesse exemplo, o pronome ‘ela’ só poderia se referir a um elemento humano ou talvez animado. Dado que o verbo ‘parar’ aceita tanto argumentos animados como inanimados, ficaria claro, segundo as autoras, que essa restrição seria imposta pelo verbo ‘pegar’, que manteria, em alguma medida, seu sentido lexical.

20. Ela **pegou e parou**.

Assumindo, assim, que as construções com ‘pegar’ são CVS, Carvalho e Santos defendem que elas se comportam como serializações de VP, que ocorreriam quando o V1 assume uma função gramatical e demanda um V2 como complemento, impondo certas restrições. No caso das construções com ‘pegar’, V2 não poderia ser um verbo estativo nem inacusativo. Segundo as autoras, os dados em (21) e (22), considerados agramaticais por elas, “exemplificam que V1 tem um papel preponderante nessa restrição, conservando [...] suas propriedades de seleção de um argumento externo agentivo” (Carvalho; Santos, 2024, p. 121). Em (21), com verbos estativos, o argumento externo não pode ser agentivo e, em (22), com verbos inacusativos, não há argumento externo. Ou seja, para elas, o traço [+agentividade] é necessário.

21. *A Maria **pegou e soube** a resposta.

*A Maria **pegou e percebeu** o cheiro. (Carvalho; Santos, 2024, p. 120, exemplos (38b-c))

22. *O bebê **pegou e nasceu**.

*O bebê **pegou e cresceu**.

*O bebê **pegou e morreu**. (Carvalho; Santos, 2024, p. 121, exemplos (39c-e))

Além disso, Carvalho e Santos (2024) argumentam que ‘pegar’ marca apenas o início da ação que é expressa por V2, o que também geraria incompatibilidade com verbos estativos: “[...] o V1 pegar das CFFs recai sobre o início de uma ação expressa por V2, e, conseqüentemente, verbos estativos, por não demarcarem o início da ação, são incompatíveis com as CFFs” (Carvalho e Santos, 2024, p. 125).

Resumindo, para as autoras, as características que fariam com que a construção com ‘pegar’ fosse uma CVS são: a) monocausalidade; b) ocorrência em diferentes contextos gramaticais; e c) compartilhamento de argumentos. Além disso, sobre a sua funcionalidade, a construção com ‘pegar’ precisaria de um argumento externo agentivo para funcionar, impondo assim restrições a um V2 estativo ou inacusativo. Verbos estativos também sofreriam restrição por não demarcarem o início da ação. A seguir, apresentamos as propostas que analisam a construção com ‘pegar’ como perífrase verbal.

[V1 (E) + V2] como Construção Perifrástica

A segunda análise, defendida por Almeida e Oliveira (2010), Grilo e Tavares (2013) e Daoud (2023), compreende que a construção com 'pegar' seria uma perífrase verbal, na qual V1 exerceria uma função parecida com a de verbo auxiliar aspectual em relação ao núcleo V2.

Para Almeida e Oliveira e Grilo e Tavares, seguindo um viés funcionalista, 'pegar' começa a exibir características de auxiliar, pois estaria passando pelo processo de gramaticalização, que acontece quando "construções linguísticas que ocupam categorias lexicais passam a ter um comportamento gramatical, ou [...] passam a funcionar de forma ainda mais gramaticalizada" (Almeida; Oliveira, 2010, p. 138).

Na interpretação de aspectualidade, Almeida e Oliveira e Grilo e Tavares argumentam a favor da leitura de aspecto global. Segundo Grilo e Tavares, um verbo auxiliar de aspecto global ressalta a perfectividade já existente no verbo principal ou atribui nuances perfectivas a esse verbo, sendo ele de natureza imperfectiva. Logo, 'pegar' traria à tona traços "de natureza pontual, repentina, imediata ou até brusca desse evento, e/ou a tomada de iniciativa por parte do agente" (Grilo e Tavares, 2013, p. 109). Para Almeida e Oliveira, o verbo 'pegar' apresenta os valores aspectuais inceptivo/incoativo, pontual/perfectivo e iterativo/frequentativo.

Já em Daoud (2023), a construção com 'pegar' é analisada como uma perífrase paratática relacionada à expressão do aspecto lexical. Sobre o conceito de perífrase paratática, a autora parte de Merlan (1999, p. 159), que aponta que essas perífrases seriam "compostas por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, em relação copulativa, dos quais somente o segundo conserva integralmente o semanticismo". O aspecto lexical classifica a eventualidade a partir das informações temporais intrínsecas. Nesse sentido, os verbos aspectuais "que contribuem para a expressão do aspecto lexical são elementos por meio dos quais uma situação pode ser derivada" (Daoud, 2023, p. 10). Ou seja, a construção com 'pegar' seria uma perífrase relacionada à expressão de aspecto, pois ela evidenciaria os estágios/subeventos intrínsecos de um evento denotado pelo verbo principal.

Sobre as propriedades semânticas e sintáticas, as descrições propostas pelas autoras divergem das apresentadas por Carvalho e Santos (2024). Almeida e Oliveira (2010) e Daoud (2023) argumentam que a atribuição de animacidade e agentividade não é obrigatória para o sujeito. Segundo Daoud (p. 8), os dados abaixo sugerem que "a construção [pegar e V2] [...] não necessariamente exige um sujeito [+humano] (sequer [+animado])":

23. A criança **pegou e quebrou** a perna sem querer na educação física [...]

24. Aí **pegou e choveu**.

Os exemplos apresentados pela autora mostram a possibilidade do uso da construção com sujeitos não-agentivos, além do caso extremo em (24), no qual temos um V2 zero argumental e mesmo assim a sentença é gramatical e produtiva.

Ainda para Daoud (2023), 'pegar' pode co-ocorrer com verbos de *accomplishments* (25), atividades (26) e *achievements* (27):

25. O João **pegou e construiu** uma casa.

26. O João **pegou e passeou** no parque.

27. O João **pegou e ganhou** a corrida.

Diferentemente de Carvalho e Santos (2024), que, como apresentado anteriormente, argumentam que V2 não pode ser um verbo estativo, pois a construção dá enfoque apenas ao início do evento, Daoud (2023, p. 12-13) aponta que a construção com 'pegar' dá "enfoque ao *onset* e todos os demais estágios aplicáveis, evidenciando que o evento denotado pelo verbo principal é formado por estágios que lhe são intrínsecos", por isso co-ocorre com os tipos apresentados acima em (25)-(27). Desse modo, quanto aos verbos estativos na posição de V2, a autora faz a previsão de que a construção funciona, ainda que de modo mais marcado, apenas se há estágios/subeventos identificáveis (28); estativos não-faseáveis, ou seja, que não tem estágios/subeventos, não seriam possíveis (29).

28. A Maria **pegou e foi amável** comigo. (aceitável, porém marcado)

29. *Eu **peguei e fui** brasileira.

Por último, a análise de Grilo e Tavares também diverge da proposta por Carvalho e Santos, haja vista que as autoras argumentam que 'pegar' não pode ser considerado um aspectualizador indicativo do momento inicial de um evento, pois nos exemplos analisados por elas "não ocorre um destaque especial para a etapa inicial do evento referido por V2" (Grilo; Tavares, 2013, p. 114).

Apresentadas as análises de Almeida e Oliveira (2010), Grilo e Tavares (2013), Daoud (2023) e Carvalho e Santos (2024), a próxima seção discute dados que não corroboram as propostas das autoras.

Eu peguei e fiz uma discussão dos dados

Nesta seção, nosso objetivo é mostrar que as análises apresentadas na seção anterior não têm cobertura empírica adequada.

Os dados utilizados neste artigo, em sua maioria, foram coletados na rede social X e no Google. Utilizamos a própria ferramenta de pesquisa dos *sites*, inserindo o verbo ‘pegar’ e o V2 alvo para verificar as ocorrências. Buscamos particularmente ocorrências de V2 não-agentivos e estativos, mas obtivemos mais resultados com ocorrências de V2 não-agentivo.

Os dados com V2 não-agentivo contradizem a descrição apresentada por Carvalho e Santos (2024), que propõem uma restrição a V2 estativos e inacusativos. Já os dados com estativos não-faseáveis contradizem a descrição de Daoud (2023), que propõe que somente estativos faseáveis são aceitos nas construções com ‘pegar’.

Os dados (30)-(34) são exemplos com verbos não-agentivos.

30. aí você **pegou e acordou** do sonho amg?

31. Viu antes d chama alguém d criança **pega e amadurece** primeiro.

32. Segui a mari maria hoje pensando “ah quero ver quando o bb dela nascer” daí **pegou e nasceu** hoje.

33. quando meu pai vai fala q alguém morreu ele fala “aí ele **pegou e morreu**”.

34. eu pintei minha unha de preto, ela **pegou e cresceu** rápido [...]

Estamos assumindo que a agentividade é uma propriedade semântica que, quando está presente em uma construção, indica que um “certo evento foi causado pela ação do agente”, conforme Franchi e Cançado (2003, p. 107). Já em Cançado (2003, p. 99), um agente é conceituado como uma função semântica (ou papel temático) associado à propriedade de desencadear o evento e de ter “controle sobre [seu] desencadeamento” (além de ter intenção de realizá-lo). ‘Ter controle’, nos termos da autora, acarreta que a entidade denotada pelo sintagma com o papel temático de agente seja [+animado]. Podemos observar essas propriedades em um exemplo simples, como “O João quebrou o vaso com o martelo” (exemplo da autora), em que ‘o João’ estaria associado a todas as propriedades citadas.

Nos exemplos em (30)-(34), os sujeitos não são agentes das orações, uma vez que eles não desencadeiam e não têm controle sobre os eventos denotados por V2. O verbo principal de cada sentença, respectivamente ‘acordar’, ‘amadurecer’, ‘nascer’, ‘morrer’ e

'crescer', atribui ao seu único argumento o papel temático de 'paciente', já que são todos verbos inacusativos.

Esses exemplos contradizem a análise proposta por Carvalho e Santos (2024) de que a construção com 'pegar' apresenta necessariamente um argumento sujeito agente, impondo, assim, restrições a V2 inacusativos e a sujeitos que não sejam humanos ou animados. Como vimos anteriormente, para as autoras, nas construções [V1 (E) + V2], os pronomes só podem fazer referência a um "elemento humano (ou, talvez, a um elemento animado)" (Carvalho; Santos, 2024, p. 114), ou seja, em uma sentença como "ela **pegou e parou**" (exemplo (20)), o pronome só poderia se referir a uma pessoa e não a um objeto inanimado. Desse modo, para Carvalho e Santos, (35) seria gramatical, mas um dado como (36) seria agramatical.

35. Mariana se sentiu mal, daí **ela pegou e parou** de correr.

36. Comprei minha geladeira ontem, novinha, cê acredita que **ela pegou e parou** de funcionar?

Todavia, o dado em (36) é semelhante ao (34), uma vez que os referentes de 'ela' não são humanos e nem agentivos. Em (34), o referente de 'ela' em "ela pegou e cresceu" é a unha, que pode ser considerada uma parte do corpo, ou seja, não é humano nem animado, além de não apresentar controle sobre o evento 'crescer'.

Uma interpretação semelhante é feita em (36) – o referente de 'ela' em "ela pegou e parou" é a geladeira, um objeto inanimado, que não tem controle sobre o evento 'parar de funcionar'. Logo, podemos observar que isso não impede que a construção seja realizada e seja produtiva no PB. Sustentamos a observação feita por Daoud (2023) e Almeida e Oliveira (2010): não é necessário um argumento agentivo com o traço [+animado] para que a construção com 'pegar' funcione e seja gramatical. Os dados colocam em questão a análise defendida por Carvalho e Santos (2024), pois, diferentemente do que afirmam as autoras, o verbo 'pegar' parece ter perdido por completo seu sentido lexical no que concerne à seleção de um argumento externo agentivo.

Dessa forma, algumas características que as autoras apresentam para assumir que a construção com 'pegar' seria uma CVS, como compartilhamento de argumento sujeito, a necessidade de um sujeito humano ou ao menos animado, para manter algumas características de seleção do verbo, e a restrição quanto aos predicados V2 estativos, são contrárias às características dos dados apresentados acima.

Além disso, a proposta de que a construção com 'pegar' seria uma CVS recebe algumas críticas. Rodrigues (2004), por exemplo, questiona se as descrições realizadas seriam suficientes para afirmar que a construção é do mesmo tipo das CVS. A autora argumenta que "é impossível definir 'verbos seriais' uniformemente, já que cada vez mais esse termo

tem sido usado para identificar diferentes “tipos” de verbos seriais encontrados em diversas línguas” (Rodrigues, 2004, p. 6). Assim, para manter a descrição das construções com ‘pegar’ como uma CVS, parece ser necessário ampliar a discussão sobre verbos seriais e procurar entender se as características assumidas por Carvalho e Santos (2024) seriam de fato imprescindíveis para definir as CVS.

Sobre a presença de verbos não-agentivos nas construções com ‘pegar’, é possível recuperar a proposta de Grilo e Tavares (2013) de que, na presença de um sujeito agente, ‘pegar’ ressaltaria a tomada de iniciativa por parte desse agente. Assim, em dados como (36), o falante atribuiria uma “tomada de iniciativa” a um sujeito inanimado, o que seria explicado no campo do discurso e da pragmática. E sintática e semanticamente? Como explicar essas ocorrências? De todo modo, a “tomada de iniciativa” não é suficiente para dar conta do exemplo em (37), com o verbo ‘chover’ – um verbo que não seleciona argumentos.

37. Lavei as roupa [...] coloquei no arame, **pegou e choveu** de madrugada.

Passemos, agora, aos dados com V2 estativo não-faseável:

38. eu **pego e sei** dançar forró

39. Eu sinto minha enxaqueca, eu **pego e sei** qual remédio eu tenho que tomar⁵

40. O SUS-BH é bem estruturado e é uma construção coletiva que vem desde os anos 80 e Kalil **pegou e soube** pegar esse bonde andando [...] ⁶

Os dados acima são exemplos de estativos não-faseáveis que exprimem um estado mental de tomar/ter consciência de alguma coisa. Partindo da análise feita por Daoud, os estativos acima são verbos que não possuem estágios/subeventos identificáveis, portanto, não seria possível dizer “eu *comecei* a saber dançar forró” (‘começar’ se aplicaria ao *onset* do evento faseável, nos termos de Daoud (2023)), “ele *começou* a saber pegar”, ou “eu *terminei* de saber qual remédio eu tenho que tomar”, que se aplicaria ao final. É necessário observar que, nos contextos acima, o verbo ‘saber’ é um estativo puro e não pode ser interpretado como ‘descobrir’, o que o tornaria um *achievement* e explicaria a gramaticalidade dessas construções.

Ainda que dados desse tipo não sejam frequentes, e que pensar em estativos faseáveis contradiga o que é geralmente consenso sobre os estativos – isto é, que eles, por natureza, não apresentam estágios –, sua existência aponta para a necessidade de rediscutir a

5 Disponível em: <https://repositorio.ufff.br/jspui/bitstream/ufff/3171/3/larissadumondduarte.pdf.txt>. Acesso em: 18 nov. 2024.

6 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/03/17/interna_gerais,1247884/e-um-cenario-de-filme-de-terror-diz-medico-infectologista-sobre-bh.shtml. Acesso em: 15 out. 2025.

análise de Daoud (2023), que defende que os estativos não-faseáveis seriam barrados nas construções com 'pegar'. No entanto, há de fato restrições a verbos estativos, como mostram os dados de Daoud (2023). Assim, é necessário levantar a questão: por que construções como “*Eu pego e sou brasileira” e “*Ela pega e tem 1,80” são agramaticais, mas exemplos como (38)-(40) tem maior aceitabilidade?

De qualquer forma, os novos dados discutidos neste trabalho confirmam a ideia de Almeida e Oliveira (2010) e Grilo e Tavares (2013), apresentada na seção anterior, de que a construção está passando por um processo de gramaticalização. Pode-se dizer que esses dados mostram um estágio ainda mais avançado da gramaticalização do verbo 'pegar'. Uma investigação mais aprofundada nesse sentido poderia explicar as restrições observadas acima.

Com relação à interpretação da construção como perifrástica, o problema é parecido com o das CVS: parece-nos que falta uma melhor descrição de quais características fazem com que 'pegar' possa ser considerado semelhante a um verbo auxiliar dentro dessa construção. Como apresentamos nos exemplos abaixo, ele não pode substituir um verbo auxiliar canônico:

41. Eu vou sair com ela amanhã.

42. *Eu pego sair com ela amanhã.

Além desse, outro teste apresentado por Carreira e Shimada Souza (2024) mostra que a construção não possui características importantes pertencentes às construções perifrásticas, como ocorrer com question tags. Em (43), podemos ver o funcionamento da question tag com um verbo auxiliar.

43. Você está saindo com ela, não está ~~saindo com ela~~?

Esse tipo de elipse não funciona com a construção [V1 (E) + V2], já que 'pegar' não retoma a ação em V2, como apresentado em (44):

44. *Você **pegou e saiu** com ela, não **pegou e saiu** ~~com ela~~?

Propomos, então, que a construção não é, de fato, uma perífrase canônica, e que ela se aproxima mais da descrição de “perífrase paratática”, apresentada por Daoud (2023) e Merlan (1999). Todavia, essa classificação não é comum dentro da literatura, e ainda há dados, como as restrições a V2 estativo, que não possuem uma explicação.

Em suma, podemos concluir que as duas propostas apresentam características relevantes para compreender o funcionamento da construção com 'pegar', como

a monoclausalidade e o processo de gramaticalização, porém, elas ainda não têm cobertura empírica adequada para acomodar os dados que encontramos no PB. Todavia, os trabalhos também apontam para uma análise que pode ser melhor explorada para descrever esse tipo de construção – a interpretação de V1 como um núcleo aspectual.

De acordo com Almeida e Oliveira (2010) e Grilo e Tavares (2013), ‘pegar’ reforçaria a leitura de aspecto global, que ressalta a perfectividade já existente no verbo principal ou atribui nuances perfectivas a esse verbo, sendo ele de natureza imperfectiva. Além disso, Grilo e Tavares argumentam que ‘pegar’ atribuiria à sentença os traços [+pontual], [+repentino] e [+tomada de iniciativa]. Já para Almeida e Oliveira, o verbo ‘pegar’ apresenta os valores aspectuais inceptivo/incoativo, pontual/perfectivo e iterativo/frequentativo. Para Daoud (2023), ‘pegar’ estaria relacionado à expressão do aspecto lexical, que classifica a eventualidade a partir das informações temporais intrínsecas, ou seja, V1 evidenciaria os estágios/subeventos que são intrínsecos de um evento denotado pelo V2. Desse modo, os verbos estativos, que não são faseáveis, teriam uma restrição, como discutido neste artigo. Por fim, para Carvalho e Santos (2024), diferentemente de Daoud, ‘pegar’ estaria relacionado à expressão de aspecto gramatical, mas marcando apenas o início da ação expressa por V2, por isso a construção não seria possível com os estativos, já que estes não marcam início de ação.

Nota-se, portanto, que a leitura de ‘pegar’ como um item gramatical que expressa aspecto aparece em todos os trabalhos. Cabe, portanto, investigar que aspecto V1 pode veicular, haja vista que ‘pegar’ não ressalta apenas o início do evento, como apontado por Carvalho e Santos, e também não parece estar completamente vinculado ao aspecto lexical, como propõe Daoud. Sobre o aspecto global, proposta de Almeida e Oliveira e Grilo e Tavares, há uma crítica formulada por Daoud (p. 8), que questiona a ausência de clareza sobre as propriedades que restringem dados como “eu peguei e fui brasileiro”, “uma vez que não parece haver exigência de um sujeito com papel temático de agente, e qualquer eventualidade pode ser vista de um ponto de vista perfectivo”.

Pretendemos, portanto, trazer essa análise mais aprofundada de V1 como núcleo aspectual em trabalhos futuros, pois analisar V1 como responsável por veicular aspecto gramatical explicaria o motivo de não ser possível considerar ‘pegar’ somente como marcador discursivo, e também explicaria o porquê de esse verbo não selecionar argumentos.

Conclusão

Este artigo teve como intuito analisar as descrições propostas por Almeida e Oliveira (2010), Grilo e Tavares (2013), Daoud (2023) e Carvalho e Santos (2024) sobre a construção [V1 (E) + V2], além de apresentar e discutir dados, retirados principalmente da rede social X e do Google, com o objetivo de mostrar que essas análises da construção com ‘pegar’ não têm cobertura empírica adequada.

De acordo com Carvalho e Santos, a construção com 'pegar' poderia ser interpretada como uma CVS (Construção Verbo-Serial), já que a principal característica compartilhada entre as duas construções é a monoclausalidade. Todavia, essa descrição não é suficiente para afirmar que a construção é do mesmo tipo das CVS. Já para Almeida e Oliveira (2010), Grilo e Tavares (2013) e Daoud (2023), [V1 (E) + V2], a construção com 'pegar' é interpretada como uma construção perifrástica, ou seja, ao perder seu uso canônico, V1 assume papel de verbo semelhante ao dos auxiliares em relação ao V2, que é o núcleo lexical. Sobre essa questão, apontamos que 'pegar' não pode ser considerado um auxiliar canônico, logo, não se associa às perífrases canônicas/hipotáticas. Sobre as perífrases do tipo paráticas, argumentamos que elas são as que mais se aproximam das construções [V1 (E) + V2], todavia, essa classificação não é muito comum dentro da literatura.

Além disso, quanto às propriedades sintáticas e semânticas da construção com 'pegar', os dados apresentados comprovam que V1 não possui argumento externo nem interno. Quanto à necessidade de um sujeito agentivo, concordamos com Almeida Oliveira (2010) e Daoud (2023), que propõem que a construção pode funcionar sem que haja um sujeito que possua os traços [+humano] ou [+animado]. Sobre os tipos de predicado, vimos que há restrições para ocorrências com predicados estativos, porém as descrições apresentadas ainda não dão conta de dados como "eu **pego e sei** dançar forró", que deveria ser agramatical, partindo da análise de Daoud (2023) de verbos estativos não-faseáveis. Além disso, nenhuma das propostas apresentadas elabora uma descrição quanto ao uso de um V2 zero-argumental, como em "**pegou e choveu**". Apenas Almeida e Oliveira tentam explicar esse uso apontando para uma maior gramaticalização do verbo 'pegar'.

Por fim, sinalizamos que parece haver, sim, alguma restrição quanto ao tipo do verbo principal, e que talvez ela esteja relacionada a fatores extra-gramaticais, como atribuir "tomada de iniciativa" a um objeto inanimado ("a unha pegou e cresceu rápido"), a um estado mental ("eu pego e sei dançar forró"), ou a um fenômeno da natureza ("pegou e choveu"); no entanto, também devemos procurar respostas dos pontos de vista sintático e semântico para essas ocorrências. Cabe, portanto, uma análise que foque na descrição de V1 como item gramatical que auxilia na expressão de aspecto e quais aspectos ele pode veicular. Por meio dessa investigação, seria possível considerar V1 como um elemento sintático e não apenas discursivo, e também explicaria o motivo pelo qual o verbo não seleciona argumentos.

Agradecimentos

Agradeço ao GEL pelo espaço dos seminários. Agradeço à CAPES pela bolsa concedida e ao PRPPG por custear a viagem para a apresentação deste trabalho. Agradeço a todos pela parceria e confiança.

Referências

AIKHENVALD, A. Y. *Serial verbs*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

ALMEIDA, C. M. B. de; OLIVEIRA, M. J. de. Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR+(E)+ V2] – uma abordagem formal. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 18, n. 2, p. 135-164, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.18.2.135-164>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, A. L., NEGRÃO, E. V., FOLTRAN, M. J. (org.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

CARREIRA, M. B.; SHIMADA SOUZA, V. C. Vamos pegar e fazer uma análise sintática da construção 'pegar (e) + v2' no português brasileiro. In: SANTOS, G. L. I., OLIVEIRA, J. K. de; LEGROSKI, M. C. (org.). *Ensino, pesquisa e formação: a linguística no curso de Letras da UEPG*. Curitiba: Pedex, 2024. p. 56-84.

CARVALHO, J. M. R.; SANTOS, M. I. L. Características da serialização no Português brasileiro: um estudo preliminar das construções *foi* e *fez*. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/a9b817cf78d03d654bb5b361be77d6a4.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

DAOUD, S. E. R. Observações sobre a perífrase verbal [PEGAR E V2]. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 45, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/22468>. Acesso em: 18 nov. 2024.

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, p. 83-123, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.11.2.83-123>. Acesso em: 18 nov. 2024.

GRILO, D. da S.; TAVARES, M. A. Uso do verbo PEGAR na perífrase [PEGAR (E) V2]: traços semântico-pragmáticos. *Revista Odisseia*, n. 10, p. 103-119, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10793>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MERLAN, A. Sobre as chamadas “perífrases verbais paratáticas” do tipo “pegar e + V2” nas línguas românicas (com referência especial ao português e ao romeno). *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, série II, v. 16, p. 159-205, 1999. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/rll/article/viewFile/8183/7476>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RODRIGUES, A. "Eu peguei e saí": uma construção nos limites da coordenação. *VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 8, p. 29-40, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25253>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RODRIGUES, A. As construções do tipo *foi e fez*. 53º. *Seminário do GEL: Resumos*, São Carlos: Mercado de Letras, 2006. p. 330-338.